

**DEBATE SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES JUNTO A ADOLESCENTES:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

***Eixo Temático 12 – Educação em Sexualidade e Desenvolvimento Humano:
Pesquisas, Teorias e Práticas***

Brenda Sayuri Tanaka ¹
Milena Cianci Buck ²
Ana Cláudia Bortolozzi ³

RESUMO

O dia 25 de novembro é considerado pelas Nações Unidas como o Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra as Mulheres. Este trabalho objetivou descrever uma experiência prática de estágio supervisionado do curso de Psicologia da UNESP/Bauru, que buscou discutir sobre violência contra mulheres com um grupo de adolescentes. Utilizou-se de uma apresentação dialogada que abarcava os tipos de violência, como identificá-las e quais as formas de enfrentamento. Ainda, fez-se uso de exemplos de casos fictícios em que a violência deveria ser identificada pelos adolescentes. Notou-se que o público entendia e tinha contato com o tema, mas destacou-se o conhecimento maior por parte de adolescentes mais novos.

Palavras-chave: Violência contra mulheres; Educação sexual, Prevenção, Adolescentes, Psicologia.

¹ Psicóloga, graduada pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/Bauru, e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem - UNESP/Bauru, brenda.s.tanaka@unesp.br;

² Graduanda do Curso de Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/Bauru, milena.buck@unesp.br;

³ Psicóloga, Livre docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano e docente no Curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/Bauru, claudia.bortolozzi@unesp.br.

INTRODUÇÃO

Desde o ano de 1999, após declaração da Assembleia Geral das Nações Unidas, o dia 25 de novembro foi reconhecido como o *Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra as Mulheres*. Esta decisão considerava o fato de que a violência cometida contra mulheres, manifesta através de relações de poder, viola os direitos humanos desta população, demandando medidas de proteção (NAÇÕES UNIDAS, 1999). O dia escolhido serviu para homenagear as irmãs Pátria, Minerva e Maria Teresa Mirabal, assassinadas na data de 25 de novembro de 1960 após se oporem à ditadura de Rafael Leónidas Trujillo (SURITA, SANCHEZ; s/d).

A violência contra as mulheres acarreta consideráveis consequências para a vida das vítimas - sejam elas consequências físicas, psicológicas, sociais, econômicas, entre outras -, independente do estágio de desenvolvimento em que se encontram (BRASIL, 2010), demandando posteriormente cuidados específicos (BRASIL, 2012; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2012). Após pesquisas desenvolvidas durante o período de Pandemia de COVID-19, notou-se um significativo aumento na ocorrência de violência cometida contra mulheres no Brasil, principalmente no âmbito doméstico (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, INSTITUTO DATAFOLHA, 2021; SENADO FEDERAL, 2021), o que sinaliza para a importância de programas e políticas públicas voltados para a prevenção deste fenômeno.

Acredita-se que a educação sexual formal é um dos meios de prevenção das violências de gênero por servir como instrumento de conscientização, modificação de comportamento e transformação social (MAIA, RIBEIRO, 2011). Um dos principais públicos alvo da educação sexual são os adolescentes, por se encontrarem em um momento de seu desenvolvimento no qual a sexualidade e os relacionamentos interpessoais estão entre os elementos centrais de suas experiências (MAIA, 2010; BORTOLOZZI, 2020). Dessa forma, o oferecimento de programas de educação sexual voltados para adolescentes e que debatam sobre violência contra as mulheres está de acordo com os *objetivos de desenvolvimento sustentável*, proclamados pela Organização das Nações Unidas e aos quais o Brasil é um país signatário, por combater a violência e promover a igualdade e equidade de gênero (BRASIL, 2017).

O presente trabalho tem como objetivo relatar uma experiência prática realizada no estágio obrigatório de *“Processos de intervenção em Educação: Educação Sexual”* do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Campus

de Bauru, supervisionado pela professora Dra. Ana Cláudia Bortolozzi. A prática descrita neste trabalho foi composta uma palestra sobre violência contra as mulheres, realizada presencialmente por duas estagiárias no dia 25 de novembro de 2021 após solicitação de uma instituição não-governamental em contato diário com os adolescentes participantes. A atividade fez parte de um programa de educação sexual desenvolvido pelas mesmas estagiárias e que vinha sendo executado com o grupo de adolescentes da instituição.

METODOLOGIA

Os participantes deste relato são adolescentes entre 13 e 17 anos que passam o contraturno escolar em oficinas e atividades elaboradas por uma instituição filantrópica, localizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo. O primeiro contato com os adolescentes e a instituição ocorreu por meio do estágio obrigatório do curso de Psicologia da UNESP/Bauru. As estagiárias tinham como objetivo elaborar e colocar em prática um projeto de educação sexual formal que abordasse temáticas como: a diferença entre puberdade e adolescência, gênero e orientação sexual, infecções sexualmente transmissíveis e relacionamentos abusivos.

Após alguns encontros, a instituição solicitou às estagiárias a realização de uma palestra para o *Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra as Mulheres*. Assim, para a atividade, optou-se por trazer esta temática em formato de apresentação dialogada, com o objetivo de proporcionar informações para os adolescentes e também sensibilizá-los a respeito da gravidade do assunto, pensando em maneiras formais e informais de combater a violência contra mulheres. O material utilizado foi uma apresentação pelo programa *PowerPoint*, cujo objetivo era gerar reflexão e discussão, contando com a participação dos ouvintes.

A palestra foi preparada pelas estagiárias em contexto de supervisão, junto à professora responsável, utilizando referências teóricas discutidas com os demais membros do estágio e tendo como principal material o livro *Educação sexual com e para adolescentes: aspectos teóricos e práticos* (BORTOLOZZI, 2020). A atividade foi dividida em quatro partes, conforme se segue:

- Na primeira parte, buscava-se pensar, junto ao público, o que é (ou não) violência: como ela se caracteriza e se manifesta, porquê, quais tipos mais comuns e contra quem acontece. Para tanto, apresentava-se sete tipos de violências (física, psicológica, moral, patrimonial, conjugal, doméstica e sexual) e como identificá-las, discutindo e

refletindo o porquê de se combater a naturalização de tais condutas. Também foi incluído na apresentação o ciclo da violência, ou seja, o que acontece antes, durante e depois de uma agressão, para que fosse possível pontuar a repetição de comportamentos aos quais as vítimas estão sujeitas dentro de um relacionamento abusivo e violento;

- A segunda parte era composta por estatísticas que afirmam a necessidade de se discutir o cenário de violência contra mulher no Brasil atual, cujo objetivo era a conscientização do público. Algumas perguntas norteadoras foram elaboradas para promover reflexão: “Um tipo de violência pode ser pior que o outro?”, “Alguma coisa pode justificar apanhar ou sofrer algum tipo de violência?” e “Como a gente percebe que está sofrendo violência?”;
- Para a terceira parte, dois exemplos de situações fictícias foram elaborados pelas estagiárias. A intenção era que os jovens pudessem ler os casos em conjunto para discutir em quais pontos das histórias era possível reconhecer situações de violência, tal qual havia sido apresentado na primeira parte da palestra;
- Na quarta e última parte, foi apresentado sobre o caso de Maria da Penha, bem como a Lei 11.340/2006 que recebe o mesmo nome em sua homenagem. Para finalização, planejou-se abrir a palestra para mais questionamentos do público.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante ressaltar que a palestra aqui discutida aconteceu no momento de reabertura das escolas durante a Pandemia de COVID-19. Assim, os jovens estavam voltando a ter contato com seus pares e com temas escolares depois de pelo menos um ano e meio em isolamento. Levando em consideração o contexto pandêmico, discutir sobre os dados referentes à violência contra mulheres foi de grande relevância para fazer com que os adolescentes refletissem sobre o quanto esta população se encontra fragilizada e vulnerável.

Com a apresentação desta palestra foi possível observar, primeiramente, que os adolescentes ouvintes tinham dificuldades para reconhecer situações de violência para além daquelas amplamente divulgadas pela sociedade - como a física e a sexual. Dentre as palavras que usaram para descrever o que é violência estão: “agressão”, “pressão psicológica”, “tristeza”, “depressão”, “dor”, “machucados”. É interessante notar que, em relação à importância de se discutir esse tema, os adolescentes entendem as razões pelas quais é

fundamental conversar a respeito. Ainda, mostraram-se bastante conscientes do agravo no quadro devido à quarentena colocada pela pandemia.

Após a apresentação dos tipos de violência, foi possível notar que os jovens tinham a concepção de que os ciclos de violência acontecem porque as mulheres constantemente perdoam seus agressores, não conseguem sair dessas relações e aceitam esses comportamentos, ou ainda porque o agressor viveu uma infância que naturalizou o comportamento violento. Quanto a isso, foi discutida a complexidade de sair de um relacionamento e que, portanto, a culpa não é da mulher que fica e continua sendo vitimizada, mas sim da falta de apoio e compreensão dessa realidade que muitas vezes as vítimas vivenciam.

Quando os exemplos fictícios foram apresentados, diferentemente do que se observou no início da palestra, os adolescentes demonstraram reconhecer corretamente os momentos em que haviam diferentes tipos de violências nas situações descritas, justificando o porquê entendiam os comportamentos apontados como violentos. Neste sentido, as estagiárias levaram os participantes a refletir quais sentimentos podem ser comumente experienciados por vítimas de violência, e alguns dos sentimentos mencionados pelos adolescentes foram: “vergonha”, “humilhação”, “tristeza”, “decepção” e “dor”.

Por fim, ao se discutir sobre a Lei Maria da Penha, foi possível abordar com os participantes sua importância social de coibir a prática da violência doméstica e familiar contra as mulheres, punindo os agressores. Discutiu-se sobre o quanto trata-se de uma normativa recente e quais são as etapas necessárias para que mulheres sejam poupadas de viver com seus violentadores. Para tanto, foram indicados caminhos para se realizar a denúncia em casos de violência contra mulher, além de outras formas - sociais - de enfrentar esta problemática: compartilhar e contar com a ajuda de um amigo ou familiar de confiança e procurar por ajuda profissional, seja de advogados ou de técnicos de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta prática, notou-se uma grande participação e envolvimento dos jovens, além de as respostas terem sido, em sua maioria, respondidas corretamente. Tal observação demonstra um maior contato dos participantes com o tema, sendo interessante destacar que os adolescentes mais novos, com aproximadamente 13 anos, pareceram estar bastante conscientes sobre relacionamentos abusivos, sinais de agressividade e ciclos de violência para

além de agressões físicas, do que em comparação aos adolescentes mais velhos, de aproximadamente 16 anos.

A realização da palestra, juntamente com a aplicação do programa de educação sexual, demonstrou como o oferecimento de informações teórico-práticas pode ajudar no processo de conscientização dos adolescentes, de modo que, em pouco tempo, os participantes foram capazes de compreender a relevância social do combate da violência contra mulheres e também a identificar tipos de violência que antes não tinham conhecimento. Ainda, ao final da palestra, as estagiárias ficaram mais tempo disponíveis para conversar com os estudantes, sendo que várias perguntas foram feitas, evidenciando um interesse ativo dos adolescentes sobre esse tema. Sugere-se que mais práticas de educação sexual formal sejam realizadas com esse público, com o intuito de prevenir a violência contra mulheres e demais pessoas em situação de vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS

BORTOLOZZI, A.C. (Org). *Educação sexual com e para adolescentes: aspectos teóricos e práticos*. Araraquara, SP: Padu Aragon, 2020.

BRASIL. *Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres*. Brasil: Secretaria de Políticas para as Mulheres Presidência da República, 2010. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/pacto-nacional-pelo-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>>. Acesso em 25 de julho de 2022.

BRASIL. *Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes*. ed. 3, r. 1. Brasília, 2012. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prevencao_agravo_violencia_sexual_mulheres_3ed.pdf>. Acesso em: 25 de julho de 2022.

BRASIL. *Relatório Nacional Voluntário sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Formato Digital: Brasil, 2017. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/ods/publicacoes/relatoriovoluntario_brasil2017port.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2012. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/05/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas.pdf>>. Acesso em: 25 de julho de 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; INSTITUTO DATAFOLHA. *Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*, e. 3, 2021. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>>. Acesso em: 25 de julho de 2022.



MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação Sexual: princípios para ação. In: *Doxa*. Revista Paulista de Psicologia e Educação, v. 15, p. 41-51, 2011.

MAIA, A.C.B. Reflexões sobre a sexualidade na adolescência. In: *Revista Psicopedagogia.com.*, 2010.

NAÇÕES UNIDAS. Assembleia Geral. *Resolução n° 54/134*. Dia internacional da eliminação da violência contra a mulher, 1999. Disponível em: <<https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N00/271/24/PDF/N0027124.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 25 de julho de 2022.

SENADO FEDERAL, *Pesquisa DataSenado: Violência doméstica e familiar contra a mulher* (Instituto de Pesquisa DataSenado), 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/violencia-domestica-e-familiar-contr-a-mulher-2021/>>. Acesso em: 25 de julho de 2022.

SURITA, F.C.G.; SANCHEZ, O.D.R. “25 de Novembro” - *Dia Internacional da Eliminação da Violência contra a Mulher*, CAISM-UNICAMP, s/d. Disponível em: <<https://www.caism.unicamp.br/index.php/blog-2/493-25-de-novembro-dia-internacional-da-eliminacao-da-violencia-contr-a-mulher>>. Acesso em: 25 de julho de 2022.